

Paradigmas e paradoxos da biodiversidade hoje

Com declarações sobre sonhos, visões e planos concretos. Foi assim que começou ontem o Planet Diversity (World Congress on the Future of Food and Agriculture – Congresso Mundial sobre o Futuro dos Alimentos e da Agricultura), evento paralelo à MOP4 (Meeting of the Parties to the Cartagena Protocol on Biosafety) e organizado por organizações não-governamentais, agências de cooperação europeias e entidades da sociedade civil. A abertura contou com Vandana Shiva, que dispensa apresentações, encorajando a platéia entusiasmada de pessoas de incontáveis países. “Para aqueles que desanimam só de pensar contra as imensas e poderosas corporações, ela deixou seu recado: “Um CEO da Enron uma vez disse ‘Nós vamos controlar cada gota d’água do planeta’ e, no final, eles não conseguiram controlar nem seu próprio destino”. Em tempo, a **Enron** Corporation era uma companhia de energia norte-americana, tendo sido uma das companhias líderes no mundo em distribuição de energia (electricidade, gás natural) e comunicações. Seu faturamento atingia 101 bilhões de dolares em 2000, pouco antes do escândalo financeiro que ocasionou sua falência.

E a plenária seguiu adiante com apresentações empolgantes, que conseguiam juntar o paradoxo sonho e realidade.

Jakob Von Uexkull, jornalista, escritor, professor e ex-membro do parlamento europeu (1987-1989), onde atuou nos Comitês de Relações Exteriores e no de Ciência e tecnologia, além de criador do chamado Prêmio Nobel Alternativo, deu continuidade às falas otimistas, atestando, por exemplo, que o fenômeno da globalização aconteceu por força política e que essa mesma força é capaz de reverter seus efeitos maléficos “É preciso que haja um limite”, afirmou. Para ele, é imprescindível que se desconstrua a crença “se eu construí, posso destruir, pois é possível reconstruir quando quisermos”. Esse é o pensamento dos defensores cegos da ciência como forma única de progresso.

No entanto, continuou ele, as ameaças resultado do aquecimento global já estão batendo a nossa porta e isso é inegável. “Estamos vivendo um momento cujo movimento vindo a nosso encontro o tempo todo. É possível observar isso não só nas áreas urbanas dos países desenvolvidos e em algumas nações em desenvolvimento. Na área rural da China isso está sendo discutido. Não apenas porque está nos jornais, no rádio e na televisão, mas porque, infelizmente, o fenômeno pode ser observado.”

Para apressar um pouco as ações da sociedade civil, Jacob afirmou que é preciso que as organizações da sociedade civil que trabalham com influência de políticas públicas passem a trabalhar de fato com parlamentares de seus governos, da mesma maneira que a indústria faz. Ele lembra que esse trabalho de lobby ainda é raro no mundo das organizações não-governamentais e dos movimentos sociais. “E isso é crucial para promovermos a proteção da

biodiversidade. Nós podemos negociar com economistas e com políticos, mas não podemos negociar com espécies extintas”, comentou ao lembrar que em muitos países do mundo onde povos e populações foram deslocadas de suas terras de origem para dar lugar a algum mega-projeto, como barragens, usinas, etc., a grande maioria desses deslocados passou a viver em condições precárias. Segundo ele, na Índia, apenas 1% das pessoas que viveram esse tipo de experiência, vive hoje em uma terra de valor inferior, não somente em termos econômicos, mas também com relação a recursos naturais, e em cujos lugares não é possível resgatar todos os valores de sua cultura. Ou ainda, muitas são colocadas em campos provisórios e que acabam se tornando permanentes.

É preciso entender que a lei natural supera a Lei econômica. Nós precisamos assegurar a justiça climática. Nós precisamos transformar nosso modo de produção num processo baseado em valores de compartilhamento. “Nós precisamos transmitir para as gerações futuras instituições e políticas que constroem e modificam de forma positiva, e não meios destrutivos de vida” finalizou.

Depois foi a vez de Hans Herren, cientista e presidente do Millennium Institute, falar do papel da agricultura no mundo e de como ela está completamente desconectada de outras questões fundamentais, como meio ambiente, com o produtor e o consumidor e com as políticas públicas. Com o meio ambiente, é fácil fazer o diagnóstico: água, energia, biodiversidade e sistemas prestados por ecossistemas específicos. Com relação ao produtor e ao consumidor, o preço e a qualidade dos alimentos são um reflexo dessa desconexão, segundo Hans, para quem existe uma total falta de confiança na qualidade e na segurança de muitos dos alimentos produzidos pelo mundo atual. Uma das soluções? “A agricultura precisa ser sustentável”, diz ele.

Finalmente, com relação às políticas públicas, ele questiona: Como transformar o comércio numa transação que beneficie os mais pobres? Investimentos em infra-estrutura, pesquisa e educação seriam um começo.

O cientista, autor de um bem-sucedido programa de controle biológico que salvou a África da praga da mandioca e preveniu que continente enfrentasse uma grave crise alimentar (durante o período em que dirigiu o Centro de Controle Biológico da África do International Institute of Tropical Agriculture, em Benim) defendeu o controle biológico nos cultivos do mundo todo e disse que só há um problema com ele: não se pode fazer dinheiro com esse tipo de controle de praga, porque não há o que vender, a não ser metodologia. Daí o enfrentamento a esta prática por parte das grandes indústrias de petroquímicos. “Isso está sendo feito por centenas de pequenos agricultores na África e tenho certeza de que também está sendo feito em outras partes do mundo. E, ainda assim, este método não consegue chegar aos grandes produtores que gastam 12 milhões de dólares com pesticidas.”

Para ele, o exemplo da praga da mandioca nos ensina algumas lições: cooperação internacional (para descobrir um meio de combater a praga, foram feitas pesquisas em países da América Latina, onde a praga existia, porém não representava um perigo ao cultivo da mandioca, pois ela possuía um predador natural que acabou sendo introduzido também no continente africano) pode ser o fator-chave para o sucesso; necessidade de se envolver comunidades, produtores, formuladores de políticas públicas e pesquisadores; espécies invasoras podem representar uma grande ameaça, mas podem ser controladas uma vez que exista a biodiversidade; e, principalmente, é preciso acreditar que há alternativas para a agricultura industrial que realmente funcionam.

É urgente que mudemos nossa maneira de pensar a agricultura e passar essa visão para o consumidor, pois as políticas para agricultura vão mudar a partir do momento em que a demanda também se modificar. “É preciso que o consumidor pense no modo de produção daquele alimento específico antes de comprar. Só assim, exigindo sua segurança alimentar, é que o cenário pode começar a mudar.”

O fotógrafo, produtor e fundador do Center for Urban Agriculture at Fairview Gardens (Califórnia, EUA) também defendeu a agricultura e suas práticas milenares como um dos caminhos para enfrentar os efeitos do aquecimento global, a fome e como forma de garantir a soberania e a segurança alimentar. Ele garante que na diversidade biológica sempre haverá espaço e apoio para variedades e diferenças, ainda que muitos seres vivos estejam sendo patenteados, modificados, transformados em bens de corporações, geneticamente modificados e dizimados.

“Meu trabalho não é proteger animais e plantas em extinção, mas agricultores e pequenos produtores. Aqueles preocupados com botânica, com biologia. Preocupados com a nutrição do solo, com a proteção das espécies, com a qualidade dos alimentos.”

“Em tempos como os de hoje, em que grandes acontecimentos catastróficos nos fazem refletir sobre crenças e valores, é importante que não sejamos levados de uma forma cega a ser contra determinadas coisas, pessoas, modos de vida. Agora é hora de sermos a favor de algo e de fazer algo, pois, do contrário, só andaremos para trás.” Foi com essa filosofia de vida, fazendo uma analogia com os ataques de 11 setembro de 2001 em Nova York, que Michael terminou sua palestra, cujo título convidativo era: *Fields of plenty - a farmers' journey to gardens of hope around the globe* – (Campos de Abundância – A jornada de um agricultor aos jardins da esperança ao redor do mundo).

No entanto, a vencedora do Whitley Award 2006, o mais importante prêmio de conservação do Reino Unido, a indiana Suprabha Seshan foi a que mais inspirou a atenta platéia com suas reflexões sobre biodiversidade e a conexão do homem com o mundo natural. Não, ela não pregava à volta à natureza, o abandono de técnicas e costumes do mundo moderno. Ela defendia, sim, a idéia de que a segurança material e a ecológica precisam andar e trabalhar juntas. Quando isso não acontece, o resultado é a alienação com relação aos outros seres, inclusive os seres humanos.

“Hoje, falar sobre história natural, por exemplo, é algo para especialistas e não era assim há pouco tempo atrás. O *small talk* (bate-papo) é um retrato do nosso modo de vida e, atualmente, ele é totalmente direcionado e moldado pela grande mídia. Do mesmo jeito que nós somos o que ensinamos, também somos o que retiramos do mundo. E o que estamos absorvendo? tecnologia ao extremo, eletrônicos, vídeo games, busca incansável por dinheiro (não de riqueza), consumo...”

O resultado não poderia ser outro que não o da completa alienação do homem com o mundo natural e esse processo gera, em última instância, a falta de cuidado com os seres vivos, com a natureza de maneira geral, com a produção dos alimentos, com a falta de cuidado para com o planeta e com a destruição do ambiente ecológico, avalia a diretora executiva do Santuário Botânico de Gurukula, na Índia.

“Que tipo de humanidade está sendo formada? O que estamos passando para as nossas crianças?”, questiona. E a resposta: “transgênicos, *Ipods*, globalização, urbanização, pobreza. Nós, nossos valores e forma, estamos sendo formatados pela tecnologia e pela ciência. E o fato é que essa ação está estreitando nossa mentalidade e brutalizando nossos cenários e paisagens”, terminou, pedindo que se ouse dar um passo na direção do lado “selvagem” da vida como forma de resgatar muitos de nossos valores perdidos.